

Alexandrina a amiga de Jesus Eucarístico

Alexandrina Maria da Costa, beatificada pelo Papa João Paulo II, em Roma, no dia 25 de Abril de 2004, nasceu em Balasar, pequena aldeia junto à Póvoa de Varzim, no dia 30 de Março de 1904. Aí veio a falecer a 13 de Outubro de 1955. Aos 14 anos, quando tentava fugir de um homem que a perseguia, para defender a sua virgindade, atirou-se de uma janela da sua casa, ficando a sofrer gravemente da coluna. Assim, teve que ficar acamada durante cerca de 30 anos.

Alexandrina poderia ser mais um caso triste de alguém sem sorte na vida, que lamentaríamos com pena e compaixão. Mas o caso da Alexandrina é uma história feliz. Sofreu muito, mas deu plenitude de sentido ao seu sofrimento no seu amor profundo a Jesus Eucarístico, um amor mais forte que a morte. Alexandrina soube seguir os mesmos passos de S. Paulo a ponto de se poder dizer dela: “completo na minha carne o que falta à paixão de Cristo” (Col 1, 24).

Alexandrina teve como mestre na sua devoção à Eucaristia, o exemplo de sua mãe. Costumava ir diariamente à Missa, que era às 7 da manhã, precedida de um largo tempo de oração frente ao Santíssimo. O Pároco confiou-lhe mesmo a chave da igreja.

Fez a **primeira Comunhão** na Póvoa de Varzim, pelos 7 anos de idade. Foi uma experiência marcante, à qual assim se refere: **“Quando comunguei, estava de joelhos, apesar de pequenina, e fitei a Sagrada Hóstia que ia receber, de tal maneira que me ficou tão gravada na alma, parecendo unir-me a Jesus para nunca mais me separar d’Ele. Parece-me que me prendeu o coração. A alegria que sentia era inexplicável. A todos dava a boa nova”**.

Alexandrina escolhia a Quinta-feira, por ser o dia da instituição da Eucaristia, para escrever as cartas e o diário. Dadas as suas graves limitações de saúde, sua irmã Deolinda fazia de sua enfermeira e secretária.

São múltiplas as alusões explícitas à Eucaristia nos escritos de Alexandrina. Podemos afirmar que sem a Eucaristia é inexplicável a vida de Alexandrina, no Calvário de Balasar, a sua espiritualidade e a sua mensagem. Sem a devoção à Eucaristia, a Alexandrina Maria da Costa seria completamente outra...

Pelo ano de 1930, **ofereceu-se como vítima pelos Sacrários abandonados e pela salvação dos pecadores**, por intermédio de Nossa Senhora. Também nisto expressa a sua espiritualidade apostólica, não preocupada apenas com a sua perfeição e salvação, mas com um grande zelo pelo bem do próximo.

Em 1933, alcançou licença para que pudesse ser celebrada Missa no seu quarto de acamada, o que veio a acontecer muitas vezes, nos 22 anos seguintes, até à sua morte. A comunhão era o centro do seu dia, preparando-se longamente para receber Jesus e ficando em acção de graças. Esta centração em Jesus é a chave que nos abre o mistério de ser feliz no meio de tanto sofrimento: **“Anseio viver só a vida de Jesus, ser sua, só sua. A Ele me entreguei e é neste abandono que me deixo levar por Alguém, que não sou eu. Vou com confiança.**

Sou em segurança. Não correrei perigo: a vida que me leva é sólida, é sábia, tem força, tem poder infinito”.

Facto surpreendente é que a **Alexandrina viveu em jejum total (sem nada comer ou beber) durante os últimos 13 anos e meio da sua vida, de nada se alimentando a não ser da Eucaristia.** Assim relata que **Jesus lhe comunicou** em 13 de Outubro de 1953: **“Tirei-te a alimentação. Fiz-te e faço-te viver só de Mim, para provar claramente aos homens, o Meu poder, a Minha existência”.** Mas a santidade de Alexandrina não está nisto nem em outros fenómenos extraordinários, como nos seus êxtases ou visões, nas experiências místicas de reviver a paixão de Jesus. A sua santidade, solenemente confirmada pela Igreja com a sua beatificação, está na virtude heróica, manifestada ao longo da sua vida, especialmente durante os 30 anos e meio em que ficou acamada, cumprindo exemplarmente o mandamento fundamental do amor de Deus e ao próximo.

A ideia de viver em **permanente comunhão espiritual com Jesus Eucaristia** é frequentemente repetida nos seus escritos: **“Não deixava dia nenhum de rezar a estação ao Santíssimo, meditando, quer fosse na igreja, quer em casa ou até pelos caminhos, fazendo sempre a comunhão espiritual assim: “Ó meu Jesus, vinde ao meu pobre coração! Ah! Eu desejo-vos; não tardeis! Vinde enriquecer-me das vossas graças; aumentai-me o vosso santo e divino Amor. Uni-me a Vós! Escondei-me no vosso Sagrado Lado! Não quero senão a Vós. Dou-vos graças, eterno Pai, por haverdes deixado Jesus no Santíssimo Sacramento. Dou-vos graças, meu Jesus, e por último peço-vos a vossa Santa bênção! Seja louvado, a cada momento, o Santíssimo e Diviníssimo Sacramento!”.**

Alexandrina experimenta o apelo interior de viver unida a Jesus, presente em todos os sacrários da terra, de lhe fazer companhia. É uma missionária da presença junto de Jesus Eucarístico, pela salvação dos pecadores. Os sacrários estão permanentemente no seu pensamento: “Meu Jesus eu quero que cada dor que sentir, cada palpitação do meu coração, cada vez que respirar, cada segundo das horas que passar, sejam actos de amor para os vossos sacrários” (...) “Estou sempre a fazer-lhe companhia e dúzias e dúzias de vezes a recebê-Lo espiritualmente. No decorrer das horas, quantas vezes O recebo! **A minha loucura é a Eucaristia!**”. Sente que Jesus a confirma nesta sua missão de amor reparador e escreve: **“Como Maria Madalena, também tu escolheste a melhor parte. Escolheste amar-Me nos Sacrários, onde Me podes contemplar não com os olhos do corpo, mas com os olhos da alma e do espírito. Eu encontro-Me lá em Corpo, Alma e Divindade, como no Céu. Escolheste quanto há de mais sublime”.**

A vida de Alexandrina e a sua forte devoção a Jesus Eucarístico deve pois estimular-nos a encontrarmos o nosso próprio caminho para nos encontrarmos com o Coração de Jesus, o Deus de Amor, que se nos revela de um modo tão próximo, serviçal e amigo na Eucaristia e em todos os Sacrários da terra.